

Maciço do Cruzeiro - paisagem cultural, patrimônio paisagístico e ambiental cambuiense.

O Maciço do Cruzeiro, também conhecido como Pedreira do Gino, Morro do Cruzeiro ou simplesmente Pedreira ou Cruzeiro é o marco natural mais importante do Município de Cambuí. Além do valor cultural, possui também grande valor paisagístico e ambiental, já que está inserido no perímetro urbano e profundamente integrado à imagem da cidade. Ou melhor, ao longo dos anos, a cidade se integrou ao Maciço do Cruzeiro, porque ele se formou há alguns milhões de anos atrás; “assistiu” ao nascimento de Cambuí e acompanhou o seu crescimento desde 1834, quando a cidade foi transferida do atual bairro rural de Cambuí Velho para cá.



1. Década de 40. O segundo jardim da cidade com o coreto no centro e a terceira reforma da igreja. No fundo, a presença marcante do Maciço do Cruzeiro ainda “inexplorado”. Fotografia atribuída a Cornélio Lambert.

Se fossemos fazer um logotipo fidedigno de Cambuí, certamente ele apareceria de alguma forma como um dos “símbolos” mais importante da cidade. Não é absurdo dizer que o Maciço do Cruzeiro está para Cambuí, assim como o Pico do Corcovado ou o Morro do Pão de Açúcar estão para a cidade do Rio de Janeiro. Não é absurdo dizer também que é um privilégio para Cambuí ter em seu território urbano um marco natural tão significativo.

Existem outros casos de marcos naturais que personalizam as cidades e que se tornaram “símbolos” de suas identidades territoriais. Minas Gerais, muito mais do que os outros estados; é rica desses exemplos e podemos listar o Pico do Itacolomi - em Ouro Preto, a Serra de São José - em Tiradentes, a Serra dos Cristais - em Diamantina, a Serra do Ouro Branco - em Ouro Branco, a Serra do Curral - em Belo Horizonte etc. Estão todos devidamente protegidos por Lei.

No início do século XX, o Maciço do Cruzeiro era propriedade do Major Higinio de Oliveira César. Constituía uma extensão do quintal de sua residência na Avenida Tiradentes (atual nº 220), então principal via já que era de entrada e de saída da cidade.



2. Década de 50. À esquerda, residência em estilo neogótico do Major Higinio de Oliveira César na Avenida Tiradentes (atual nº 220). Nota-se no centro do frontão da residência a imagem de um pelicano – o Major era maçom. Fotografia atribuída a Cornélio Lambert.

De uma mina situada nos pés do Maciço, o Major canalizou uma água cristalina de qualidades minerais até a Avenida Tiradentes, onde ele implantou um pequeno chafariz parietal para o uso gratuito de toda a comunidade cambuiense. Vestígios dessa fonte existiram até bem pouco tempo atrás, em muro vizinho a casa nº 272, destruída de forma criminosa pela especulação imobiliária na noite de 29/06/2011.

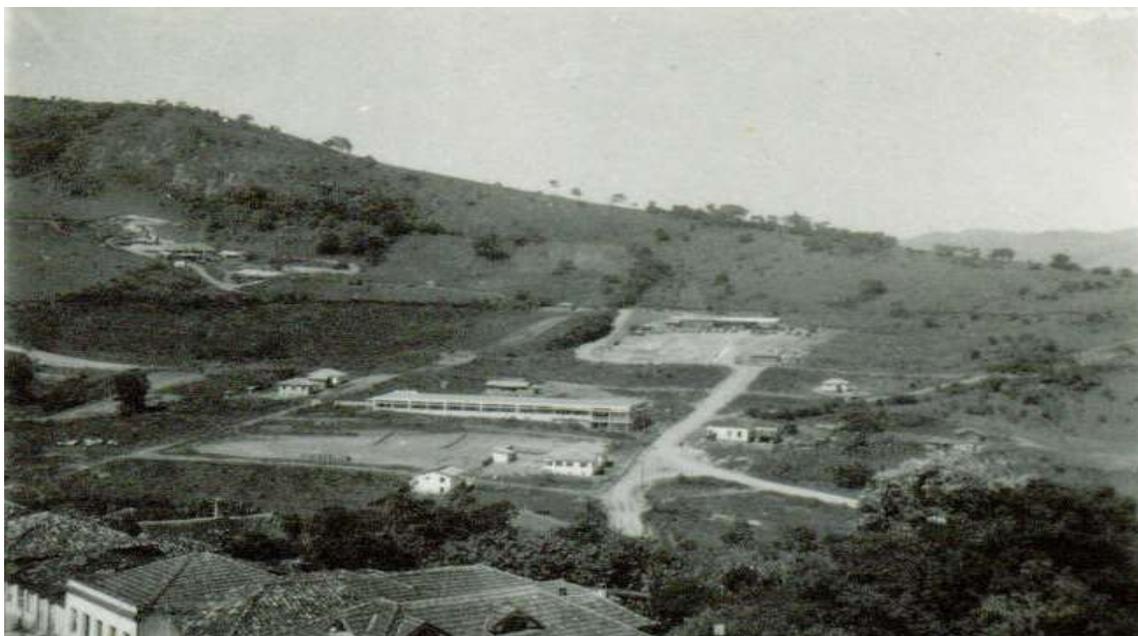


3. Década de 50. À esquerda, as propriedades de Higino de Oliveira César – edificação que abrigava a máquina de beneficiar café importada da Grã-Bretanha. Em primeiro plano, o pequeno chafariz parietal. Fotografia de autor desconhecido.

Posteriormente, na segunda metade da década de 50, o Maciço do Cruzeiro forneceu material para a construção da rodovia Fernão Dias. Quando as primeiras dinamites começaram a explodir, com o fim de retirar brita para as obras de asfaltamento da rodovia federal 381, a população local, que tinha uma forte relação afetiva com o Maciço do Cruzeiro, olhava para cima e exclamava:

“Ah, ah.....! Vão acabar com a Pedreira do Gino !!..”.

O Maciço do Cruzeiro não só contribuiu para a construção da rodovia Fernão Dias como também resistiu bravamente às dinamites.



4. Final da década de 50. O Colégio em construção; quando as obras da Santa Casa ainda não tinham sido iniciadas. No alto à esquerda; exploração de brita no Maciço do Cruzeiro para a construção da rodovia Fernão Dias e acima do Colégio as instalações da empresa que trabalhou na obra da Fernão Dias. Fotografia de autor desconhecido.

O ano de 1961 em Cambuí foi marcado pelas cerimônias religiosas das Santas Missões, em especial pelo “percurso sacro”, tendo como ponto de partida a escadaria principal da igreja Matriz. Nesse evento religioso, uma grande Cruz de madeira de mais de uma tonelada considerando o peso dos padres redentoristas que estavam cima; foi transportada pelas mulheres ao longo de um trajeto que culminou no alto do Maciço do Cruzeiro, local onde foi instalada.

Foi um evento fabuloso, que faria inveja às teóricas do feminismo de hoje.

Durante o percurso da procissão, alternaram-se sobre a Cruz três padres redentoristas, membros da Congregação do Santíssimo Redentor, que vieram a Cambuí com a missão de redimir “os pecadores da cidade”. E não eram poucos!

Foi um espetáculo inesquecível!

Posteriormente no caminho de acesso ao alto do Maciço, foram construídas pequenas Capelas para configurar o percurso como uma “verdadeira” Via Sacra. Pode se considerar que a Via Sacra das Santas Missões de Cambuí foi um evento comunitário importante no sentido de permitir a apropriação coletiva desse bem ambiental e paisagístico.



5. Década de 60. Santas Missões, protagonizadas pelas mulheres; descendo a Rua Governador Valadares em direção do Maciço do Cruzeiro. Fotografia de autor desconhecido.

Nessa época, as terras do Maciço já pertenciam ao Sr. Cândido de Brito Lambert (Candoca), cuja esposa Maria Cezar de Brito, tinha herdado do seu pai, Major Higino de Oliveira César. Candoca, como o Major, era também um homem generoso; permitiu a construção, no seu terreno do caminho com as Capelas que compuseram a Via Sacra e a instalação da Cruz de madeira no topo do Maciço.

Ainda na década de 60, o Maciço do Cruzeiro abrigou uma simpática torre de televisão construída pelo Sr. Avelino Benedito Salles Bayeux. A torre de madeira, de planta quadrangular, tinha uma escada interna com patamares e era coroada por uma estrela de cinco pontas de neon que acendia na cor azul todas as noites. Era o sinal dos tempos; a modernização do País promovida pelo governo de Juscelino Kubitschek chegava a Cambuí e, com ela, também a televisão.

Avelino Bayeux, homem empreendedor que trouxe a televisão para Cambuí, era também brincalhão. Tinha como uma das principais distrações fazer virado de banana regado à cachaça

no alto do Maciço do Cruzeiro. Dizem que ele servia na bacia o virado ao saudoso “jacaré” (filho mais velho do Zaú), um de seus auxiliares que tinha uma fome de leão! Depois que todos estavam bem alimentados e devidamente calibrados pela cachaça Avelino começava a queimar grande quantidade de pólvora para assustar a pobre e devota população católica que via aqueles estranhos clarões como fenômeno sobrenaturais e assistia assustada e estarecida lá de baixo, tudo que estava acontecendo lá em cima. Eu era na época um menino. Imagino como o Avelino Bayeux se divertia!

A torre, edificada com um sistema construtivo totalmente reversível, foi se degradando ao longo dos anos até o seu desmonte completo. Já no final do século XX, foram instaladas sem nenhum critério técnico, no topo do Maciço, torres de estruturas metálicas para atender às concessionárias de telefonia celular. Estas torres que foram implantadas nas proximidades do local; onde foi instalada a antiga Cruz necessitam ser adequadas e transferidas de lugar para evitar a descaracterização da paisagem urbana e territorial de Cambuí.

O Maciço do Cruzeiro ilustra o caso de paisagem que é soma de território + cultura, tratando-se, portanto, de uma definição ambiental e cultural acrescida de uma motivação social. Esse último aspecto é igualmente importante, uma vez que o Maciço possui vista privilegiada da cidade e da região; é espaço nobre com vocação para uso público destinado ao lazer e às atividades científicas e religiosas.

A especulação imobiliária, que vem contribuindo para a descaracterização da cidade, degradando a sua qualidade de vida por meio da destruição do seu patrimônio cultural e ambiental moveu-se também para apoderar-se do marco natural mais importante de Cambuí. Tratou-se de um comportamento contrário àqueles adotados pelos saudosos Candoca e Higino César, que entenderam a importância de compartilhar um bem “privado” em favor do uso coletivo. A especulação imobiliária, que não tem “alma”, capitaneada pelos “novos ricos” da cidade tentou mais de uma vez se apropriar e privatizar um bem “coletivo” em proveito próprio, mas desta vez não conseguiu.

Por outro lado, o poder público municipal precisa tomar iniciativas vigorosas no sentido de estabelecer políticas públicas urbanas em prol da coletividade protegendo os bens culturais, naturais e paisagísticos de Cambuí. O poder público deve se mobilizar para proteger o patrimônio cultural, ambiental e paisagístico cambuiense não aprovando por exemplo, projetos de loteamentos que promovem a apropriação privada da paisagem cultural, por uma

“elite econômica ignara e ambiciosa”, em detrimento da sua “democratização de uso” para toda a coletividade.

Não apareceu ainda governo com sensibilidade e coragem para destinar integralmente o Maciço do Cruzeiro à sua verdadeira vocação de espaço de uso público, recuperando e protegendo a sua flora e fauna originais, destinando o seu topo ao lazer e às atividades científicas, de contemplação e implantando na sua base equipamentos urbanos que possam explorar as potencialidades acústicas da cava que surgiu em consequência da exploração de brita.

Partindo do princípio já notório de que a paisagem hoje deve ser percebida e entendida como um patrimônio público da cidade e dos cidadãos, em julho de 2017 o Conselho Municipal do Patrimônio Histórico e Cultural de Cambuí aprovou o tombamento do Maciço do Cruzeiro, e solicitou a delimitação do perímetro tombado, que foi enviado ao Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais – IEPHA/MG, para a finalização do processo de proteção legal.

Com isso o Maciço do Cruzeiro, admirado pelos cambuienses; “louvado em prosa e verso” pelos escritores e poetas do passado, em especial por Levindo Lambert e Claudio Magalhães, foi definitivamente salvaguardado tanto para nós quanto para as gerações futuras.

Cabe a nós agora destinar-lhe um uso nobre à altura dos seus diversos valores como Parque Ambiental Municipal de Cambuí.



Benedito Tadeu de Oliveira